XXX Congresso de Iniciação Científica UNICAMP

UMA CARTOGRAFIA DOS PARABENOS: DO MERCADO DE COSMÉTICOS ÀS CONTROVÉRSIAS CIENTÍFICAS

Palavras-Chave: Controvérsias, Parabenos, Instagram

Autores/as:
GIOVANA SABINO LOPES – IFCH - UNICAMP
Orientador: Prof. Dr. PEDRO P. FERREIRA - IFCH - UNICAMP

RESUMO:

Guiados pela Teoria Ator-Rede de Bruno Latour nos debruçamos na controvérsia sobre o uso e a segurança dos parabenos em cosméticos num esforço de mapear seu rompante, seus agentes e seus argumentos mobilizados na disputa que se encena na plataforma do Instagram.

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa busca compreender como têm se desdobrado a controvérsia em torno da segurança do uso dos parabenos em cosméticos e quais são os argumentos empregados na disputa de narrativas que, neste caso, está tendo sua encenação na plataforma do Instagram. Os parabenos são ingredientes conservantes amplamente utilizados na indústria cosmética, de alimentos e de medicamento por ter baixos níveis de teor alergênico (FRANSWAY, 2019). A despeito de sua utilização ao longo de décadas, é com a publicação e ampla divulgação de dois artigos que se inicia um alvoroço de discussões em torno de sua segurança.

O primeiro artigo (ROUTLEGDE *et al,* 1998) sugere que os parabenos têm uma possível ação estrogênica, ainda que muito reduzida quando comparada com a ação de outros hormônios como o estradiol e incentivam que se realize novas pesquisas que observem a exposição sistêmica dos indivíduos aos parabenos e os possíveis riscos de desregulação hormonal. Já o segundo artigo (DARBRE *et al*. 2004) traz dúvidas sobre a segurança dos parabenos ao se indicar que foram encontrados parabenos intactos, isto é, sem aparente degradação ou excreção feita pelo corpo, em tecido mamário cancerígeno. Ambos os artigos foram divulgados pela grande mídia[1] e são eles os disruptores da controvérsia em questão.

Nossa contribuição reside em cartografar a controvérsia (VENTURINNI, 2010), mapeando seus argumentos e situando seus personagens. O desdobramento da análise é feito a partir da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2012) o que nos permite caminhar por uma discussão que a princípio residiria no campo das ciências duras, mas será analisada a partir de uma perspectiva das ciências sociais, mais especificamente, da sociologia da ciência.

---

1 KELLY, Cara. The truth about talc, parabens and 8 other controversial makeup ingredients. **USA Today**. 21 de nov, 2018. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/news/investigations/2018/11/21/talc-parabens-makeup-ingredients-safe-toxic/2002867002/> Acesso em: 20 de dez, 2020.

METODOLOGIA:

Nosso contato com a controvérsia em torno dos parabenos se deu na plataforma do Instagram e será nela que se configurará nosso campo de pesquisa. O Instagram é uma rede social voltada, primordialmente, para o compartilhamento de fotos e vídeos que podem ocorrer tanto no *feed*[2], como também nos *stories*[3], portanto, há um claro detrimento aos textos em favor das imagens. Contudo, justamente pelo fato de o Instagram ter uma orientação maior para imagens e vídeos que se constrói o ambiente propício à realização desta controvérsia, pois se instaura no Instagram um apelo a estética de tudo daquilo que está sendo retratado na rede e isso vai desde objetos e cenários a pessoas. É por existir esse ambiente altamente voltado para questões estéticas que se desenvolve as discussões sobre cuidados com a pele, e a partir disso, se desdobra a discussão sobre a segurança do uso dos parabenos em cosméticos. A dinâmica da plataforma também é estruturada pelos algoritmos que atuam procurando incitar o constante engajamento. De acordo com Lanier (2018), a plataforma atua sob a lógica de um experimento behaviorista, isto é, ordenam os *feeds* de forma que eles apresentem postagens que instiguem continuadamente sentimentos positivos de recompensa, como também negativos de medo e raiva, pois assim se amplifica o engajamento dos usuários. Por essa lógica, o Instagram se alimenta de polêmicas e, assim, se constrói um ambiente propício para o desdobramento de controvérsias.

Nosso trabalho de campo foi organizado em identificar e separar os argumentos mobilizados pelos perfis. Para isso, primeiro fizemos uma seleção dos argumentos utilizados pelos perfis que nós já acompanhávamos previamente, e nos pareceram mais relevantes na elaboração da argumentação e do posicionamento assumido, e classificamos suas postagens entre argumentos "pró parabenos" (AP) e argumentos "contra parabenos" (AC). Em seguida, demos seguimento a coleta de outros argumentos através da ferramenta de buscas por *hashtags*[4] do Instagram. Duas foram as *hashtags* utilizadas para centralizar os posts sobre o assunto, sendo estas: *#parabenos* e *#parabenosfree*. As duas hashtags compilavam mais de 30 mil publicações com essas marcações e a partir do que foi selecionado pela ferramenta passamos a buscar posts que trouxessem argumentos ainda não selecionados por nós. Finalizamos nossa coleta com nove argumentos pró parabenos e oito contra parabenos. Cada argumento conta, além da sua numeração, com o seu post equivalente e uma breve descrição das imagens postadas em conjunto com os textos da publicação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A partir da compilação dos argumentos mobilizados nos deparamos com dois argumentos

---

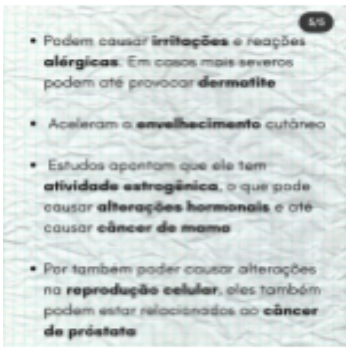
[2] Postagens que ficam fixas nos perfis que as publicaram.

[3] Postagens com duração de 24 horas para visualização, a menos que sejam fixadas nos perfis que as publicaram.

[4] As *hashtags* são um recurso do Instagram que compila todas as publicações da rede postadas com aquela mesma marca.

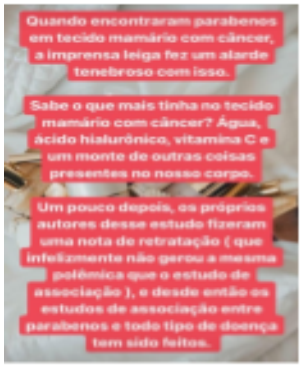
que se tornam centrais e sempre mencionam os artigos disruptores da controvérsia (DARBRE *et al*, 2004; ROUTLEGDE et al, 1998). O primeiro argumento (Imagem 1) advoga pelo não uso dos parabenos se baseando nos artigos citados, pois entende que o uso deles acarreta um risco de causar câncer de mama, desregulação hormonal ou alteração celular. Como correspondente deste argumento (Imagem 2 e 2.1), mas contrário ao entendimento de que os parabenos fazem mal e devem ser evitados há a defesa de que os artigos disruptores da controvérsia devam ser relativizados. Isto é, o artigo que diz ter encontrado parabenos em tecido mamário cancerígeno sugere apenas uma associação entre às duas coisas que não pode e nem deve ser entendida enquanto uma concepção de causalidade.

Imagem 1



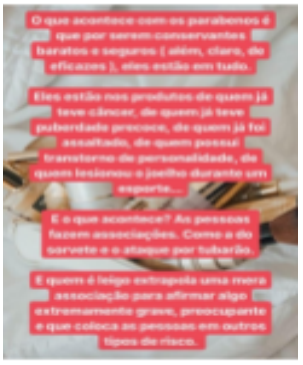
Fonte: arquivos de pesquisa

Imagem 2



Fonte: arquivos da pesquisa

Imagem 2.1



Fonte: arquivos da pesquisa

Há ainda outros argumentos que se desdobram e somam aos disparadores apresentados e vão construindo a teia argumentativa. Os apresentaremos em pares correspondentes, ainda que nem todos tenham uma correspondência direta entre si. Eles são:

Argumentos Contra Parabenos	**Argumentos Pró Parabenos**
AC1: A Anvisa, assim como órgãos da Europa, baniram alguns parabenos para uso por que eles são perigosos	AP1: Os parabenos são os conservantes mais estudados ao longo do tempo e, por isso, têm maiores evidências de segurança
AC2: Há evidências de que os parabenos causam câncer de mama, causam desregulação hormonal e afetam as fibras de colágeno da pele	AP2: Não se pode afirmar a partir dos artigos disruptores que os parabenos sejam a causa de câncer de mama
AC3: Parabenos são um dos ingredientes com maior teor de sensibilização de peles	AP3: Substituir os parabenos por outros ingredientes conservantes implica maior risco de se causar, por exemplo, dermatite alérgica por que serão produtos menos estudados
AC4: Há evidências de que os parabenos também causam impactos negativos no meio ambiente, pois foram encontrados em corpos de mamíferos marinhos	AP4: A ação estrogênica do parabeno é muito ínfima para poder se aferir que eles causam desregulação hormonal
AC5: Ingerir alimentos que contenham parabenos é um meio mais seguro do que os usar em cosméticos	AP5: Os parabenos são derivados de PHBA e estão naturalmente em frutas e verduras
AC6: Estão presentes em praticamente todos cosméticos e, por isso, a exposição sistêmica pode causar acumulação do ingrediente no corpo	AP6: Órgãos reguladores já liberam uma quantidade máxima pensando na exposição sistêmica de combinados produtos

AC7: Não são substituídos pelas empresas porque são conservantes baratos para se colocar nas formulações	AP7: Não é de interesse das empresas oferecer produtos que sejam maléficos para seus clientes
AC8: Ingredientes naturais e orgânicos tem bioafinidade com a pele	AP8: Produtos naturais não são melhores e mais seguros só por serem naturais
	AP9: Há um aumento de produtos sendo vendidos sem parabenos na formulação apenas pelo apelo de marketing que se criou em torno da discussão

Tabela 1: Organização de pares de Argumentos Contra Parabenos (AC) e Argumentos Pró Parabenos (AP) encontrados no Instagram. Nem todos os AC e AP correspondem na mesma medida, e eles ocorrem em frequências diversas no *corpus*.

Nossa pesquisa toma como base teórica principal a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour que toma as controvérsias como o melhor objeto para se observar a constituição do social (LATOUR, 2012). O autor define seu conceito de "caixa-preta" como o fato, ou máquina, que já está estabelecido por isso não há contestações (LATOUR, 2000). Partindo dessa ideia, se entenderia a controvérsia dos parabenos como uma caixa-preta estabilizada, porém, reaberta com a publicação dos artigos em questão, mas não é esse o caso.

A partir dos argumentos empregados na disputa pode-se desprender que há a constituição de dois discursos que vão se colocando pelas partes. Do lado dos perfis AP há um discurso defensor do e*stablishment* científico que reconhece falhas ou limitações dos artigos usados como fontes de evidência. Não necessariamente pelos artigos em si, mas pelas múltiplas interpretações que vão sendo disseminadas pelo público que não teria a "legitimidade" para falar ou fechar a controvérsia. Na postura desses perfis nos deparamos com um esforço, como já mencionado pela autora Isabelle Stengers (2002), da demarcação feita por aqueles que exercem as ciências modernas de destacarem quem teria a autoridade legítima e a partir de quais meios, em simultâneo, se apontariam os charlatães que tentam empregar o discurso científico. Já da parte do discurso do AC há uma postura defensora do princípio de precaução, o qual se utiliza dos estudos que levantam dúvidas e demandam um reconhecimento para outras maneiras de se produzirem conhecimentos, como também, outras maneiras de se produzirem os próprios cosméticos. Neste caso, há um claro apelo à ideia de que se usar coisas mais "naturais" é necessariamente melhor para os indivíduos consumidores, mas também para o meio ambiente. Aqui, ainda que respaldando seu posicionamento pelos artigos científicos há um deslocamento da práxis científica enfatizada pelos AP.

Dado isso, é possível observar que os perfis AP acabam também por se alinhar mais facilmente à grande indústria de cosméticos, enquanto os AC não só a repudiam como a todo momento tentam viabilizar uma proposta de consumo que passa pelos produtos naturais e, na maior parte das vezes, de produtores menores e independentes. A primeira, demonstra um certo alinhamento da ciência com a indústria, enquanto a segunda, adota posição alternativa não só com relação a quem produz os fatos, mas também com os grandes produtores de cosméticos. Por fim,

importante ressaltar que a forma tal como a controvérsia se desenvolve não se enquadra necessariamente nos termos de Latour (2000), pois nos parece que a disputa não reside em quem conseguirá ser o responsável por estabilizar a controvérsia e assim fechar a caixa-preta, mas sim uma disputa onde se estabelecem dois lados que carregam, respectivamente, uma caixa-preta e a disputa é para se conseguir sobrepor uma à outra. Poderíamos dizer que não existe argumentação entre AC e AP, apenas a contínua apresentação de suas posições. O que é ótimo no contexto do modelo econômico da plataforma que não só depende, como também incentiva, o engajamento a partir da constituição e o desdobramento de polêmicas.

CONCLUSÕES:

Buscamos evidenciar qual o cenário e os argumentos mobilizados na disputa da controvérsia dos parabenos de forma que se apresente como esses discursos são estruturados e quais as narrativas que eles empenham ao discutirem sobre a segurança do uso dos parabenos. Como já mencionado, percebemos que se estabelecem dois discursos distintos, sendo um mais alinhado ao discurso dominante científico, e outro que opera por um princípio de precaução e aponta para outras formas de se produzir cosméticos. O primeiro é importante ao ser ele que constrói os fatos científicos e por ter a legitimidade para fechar as caixas-pretas, contudo, se alinha mais facilmente ao mercado. Já o segundo é importante por questionar os fatos estabelecidos, no entanto, pode ser perigoso quando não informado pelos saberes científicos e pode acabar por promover a ignorância.

A partir destes posicionamentos podemos observar que diferentes anseios se misturam à disputa em torno dos parabenos. De um lado, o anseio em se preservar o conhecimento legitimamente científico, resguardar a procedência das empresas que recorrem aos parabenos e estender o uso das mercadorias entre os consumidores. Do outro, o anseio pela precaução, em incentivar outras formas de se produzir cosméticos e preservar um suposto equilíbrio bioquímico corporal e ambiental.

BIBLIOGRAFIA

DARBRE, P. *et al*. **Concentrations of parabens in human breast tumours.** Journal of Applied Toxicology: JAT. Jan-Feb 2004; vol 24, n. 1, p. 5-13.

FRANSWAY, Anthony F. *Et al.* **Parabens.** Dermatitis: 2019 - Volume 30 - Issue 1 - p3-31.

LANIER, Jaron. Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais. 2018. Editora Intrínseca.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do ator-rede.** EDUFBA - EDUSC, 2012.

ROUTLEDGE, E. *et al.* **Some alkyl hydroxy benzoate preservatives (parabens) are estrogenic.** Toxicology and Applied Pharmacology. Nov 1998. Vol 153, n. 1, p 12-19.

STENGERS, Isabelle. **A Invenção das Ciências Modernas.** Editora 34, 2002.

VENTURINNI, Tomaso. **Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory.** Public Understanding of Science, SAGE Publications. 2010; 19(3) p. 258-273.